



# a Voz do Operário

Fundado em 11 de outubro de 1879 pelos operários manipuladores do tabaco  
ANO 139 NÚMERO 3054 MENSÁRIO PREÇO €0,50 PORTE PAGO CABO RUIVO - TAXA PAGA  
MAIO 2018 DIRETOR DOMINGOS LOBO JORNAL REGIONAL DA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA

## II CENTENÁRIO DE KARL MARX

# Ecos do “espectro” continuam a chegar até nós



Karl Marx fala da voz do operário que reivindica, não com apelos ao coração («pois em coisas de dinheiro os sentimentos não contam») mas com a luta. E ao falar-se de luta pode igualmente falar-se da Voz do Operário,

das suas origens, da sua história e do seu papel. Ao assinalarmos o segundo centenário do nascimento de Karl Marx, propomo-nos abordar em cinco pinceladas alguns temas particularmente caros aos leitores. **págs. 6 e 7**



## 25 de Abril e 1.º de Maio dias dos trabalhadores

As comemorações da Revolução de Abril e do 1.º de Maio fizeram-se nas ruas, as mesmas para onde o povo saiu há 44 anos, no Carmo, em Caxias ou em Peniche, para tomar nas suas mãos o seu destino. Hoje os mesmos valores de então servem de repto à «grande manifestação nacional» convocada pela CGTP-IN para o dia 9 de Junho, em Lisboa. **pág. 13**



## Trabalhadores municipais de Almada em luta

51 trabalhadores da higiene urbana da Câmara Municipal de Almada exigem ao executivo PS a regularização dos seus vínculos precários. Contratados no verão passado para suprir necessidades da época balnear, mantêm-se ao serviço sem integração no mapa de pessoal. O sindicato acusa ainda o executivo de restringir a participação sindical. **pág. 10**



## ENTREVISTA Sérgio Ribeiro

Estava preso quando rebentou a revolução. É assim que lembra as primeiras horas de Abril. O economista foi diretor-geral do Emprego durante o governo encabeçado por Vasco Gonçalves. Entre livros e recortes de jornais em sua casa, fala-nos sobre os contributos e atualidade de Karl Marx. **págs. 8 e 9**



## A VOZ DO OPERÁRIO Alunos discutem fascismo e revolução de Abril

A União de Resistentes Anti-fascistas Portugueses (URAP) aceitou o convite dos alunos do 2.º ciclo da escola da Graça e veio contar e debater histórias de luta e resistência. **pág. 3**



## Brasil - Prisão de Lula é mais um ponto no golpe

O golpe institucional continua em curso no Brasil. A prisão do candidato que une a esquerda ao povo brasileiro diante das eleições de Outubro, e a perseguição de forças políticas e sociais progressistas mostram o vale-tudo do governo Temer para impedir a retoma do caminho de afirmação soberana do povo e do país. **pág. 14**

# Relatório e Contas de 2017 e atividade atual

Realizou-se no passado dia 19 de Abril a Assembleia Geral da Voz do Operário, onde foi apresentada a atividade desenvolvida em 2017 e aprovado por unanimidade o respetivo Relatório e Contas. Foi igualmente debatida a atividade em curso e a prevista decorrer até final do ano.

Em 2017 consolidou-se o crescimento da atividade registado nos últimos anos, designadamente na área educativa, em que aumentou o número de inscrições (o maior desde há muitos anos a esta parte), ficando o conjunto dos nossos equipamentos com uma ocupação praticamente na sua capacidade máxima.

Reforçámos o relacionamento com os sócios com vista ao estreitamento da sua ligação à Instituição e participação na vida associativa com um espaço próprio, onde para além da confraternização que é propiciada, os sócios podem participar no desenvolvimento de atividades, nas áreas do desporto, cultura e lazer, propósitos em que também se inseriram a Marcha Infantil (que desfilou pelo 30º ano) e o Arraial Popular, com fortes tradições nas festas da Cidade de Lisboa.

Celebrámos o 134º aniversário da Instituição, onde homenageámos Domingos Abrantes, em reconhecimento pelo seu percurso de uma vida inteiramente dedicada ao ideal de construção de uma sociedade sem exploradores nem explorados, desde a resistência antifascista até aos dias de hoje.

Prosseguimos a publicação regular do jornal e mantivemos atualizado o nosso sítio na internet, recentemente remodelado, ao mesmo tempo que procedemos à publicação de uma revista sobre o 30º desfile da Marcha Infantil e de uma outra sobre o Fado e a Voz do Operário. Já este ano, por ocasião da comemoração do aniversário, publicámos o livro sobre os 135 anos de história da Voz do Operário.

Realizámos várias iniciativas com vista à angariação de verbas para os investimentos a efetuar no nosso Salão de Festas, de que se destacam o espetáculo “Vozes ao Alto” e a 1ª Gala de Fado da Voz do Operário, evento que constituiu um enorme êxito e de que já estamos a preparar a 2ª Gala, que se realizará no dia 11 de Novembro deste ano.

Do ponto de vista económico e financeiro o ano não foi tão favorável, apresentando um resultado negativo de 130 mil euros, uma vez que, ape-

sar do incremento conseguido nos proveitos, este não foi suficiente para fazer face ao crescimento dos custos inerentes ao reforço da atividade, designadamente nas remunerações ao pessoal, onde para além do natural aumento do número de efetivos, procedemos a uma muito justa revisão salarial, que contemplou a subida para 600 euros do salário mínimo dos trabalhadores da Voz do Operário.

Estão a ser tomadas medidas com o objetivo de que já em 2018 possamos voltar aos resultados mais favoráveis, em linha com o valor orçamentado, positivo em 10 mil euros.

Nesta fase em que se está a proceder à entrega da Declaração de IRS, apelamos à divulgação da campanha “ajudar assim não custa”, consignado 0,5% do IRS à Voz do Operário, assinalando o respetivo quadrado e indicando o nº de contribuinte 500259518.

Prosseguem importantes investimentos, que se traduzem na melhoria das nossas instalações, dotando-as de melhores condições, tanto para a prossecução do serviço prestado, como para dar melhores condições aos sócios, designadamente para a prática de atividades culturais e desportivas.

Estão de novo em curso as jornadas de trabalho para o arranjo do espaço do arraial e para a preparação dos apetrechos da marcha infantil. Quem tiver disponibilidade, pode juntar-se a nós, aos sábados a partir das 10 horas. São jornadas de trabalho voluntário, mas igualmente de muito convívio e confraternização entre os que tornam possível, ano após ano, a realização do arraial e o desfile da nossa marcha.

Já estão abertas as inscrições para todos os níveis (creche, creche-familiar, pré-escolar, 1º ciclo e 2º ciclo, para além de ATL e atividades extra curriculares) e para todos os espaços educativos (Graça, Ajuda, Ajuda Creche, Restelo, Laranjeiro, Lavradio e Baixa da Banheira).

Fazemos um apelo a todos, sócios e amigos que tenham ou conheçam alguém com crianças, que as possam inscrever na Voz do Operário, usufruindo assim dos serviços e da qualidade ensino ministrado nos nossos equipamentos, assente no Método da Escola Moderna (MEM). Frequentar a Voz do Operário não é um gasto, é um investimento para a vida.

**Manuel Figueiredo,**  
Presidente da Direção

## EDITORIAL

# Maio, maduro Maio

A opção do PS de agradar à União Europeia desaproveitando a possibilidade que lhe dava a folga orçamental para investir nos serviços públicos e na valorização dos salários dos funcionários públicos, que não são aumentados há nove anos, não augura nada de bom para o futuro. O anúncio do Programa de Estabilidade por parte do ministro das Finanças repete velhas receitas que ao arripio dos órgãos de soberania lançam orientações para o futuro sob a tutela de Bruxelas. É a Assembleia da República que se deve pronunciar sobre quaisquer opções económicas.

É também este órgão que deve encontrar rapidamente uma solução para o desastre social que se está a viver desde que o anterior governo aprovou a atual lei do arrendamento. Os proprietários têm um poder desmedido num contexto de explosão de preços num país em que os únicos valores que não sobem são os dos salários.

Celebrar o segundo centenário do nascimento de Karl Marx é, sobretudo, celebrar o seu legado histórico. Quando o revolucionário alemão nasceu em Trier, então Prússia, a 5 de maio de 1818, a Europa vivia profundas transformações à mercê da revolução industrial. Um exército de mulheres e homens engrossaram as fileiras do proletariado, gente sem nada que vender senão a sua força de trabalho. Hoje, duzentos anos depois, a história segue a sua sinuosa travessia ao sabor da luta de classes. Com avanços e recuos, fruto da batalha dialética, a humanidade deu saltos impensáveis séculos antes. Da revolução de Outubro à de Abril, as ideias de Marx, apropriadas e desenvolvidas pelos oprimidos, foram a forja do porvir.

## a Voz do Operário

**PROPRIEDADE E EDIÇÃO** SIB A Voz do Operário  
Rua da Voz do Operário, 13, 1100 – 620 Lisboa  
Telefone: 218 862 155. E-mail: [jornal@vozoperario.pt](mailto:jornal@vozoperario.pt)

**DIRETOR** Domingos Lobo

**DESIGN E PAGINAÇÃO** Ana Ambrósio, Diogo Jorge

**FOTOGRAFIA** Nuno Agostinho

**COLABORADORES** André Levy, Bruno Carvalho, Carlos Moura, Domingos Lobo, Eugénio Rosa, João Lopes, Lina Seabra-Diniz, Luís Caixeiro, Manuel Figueiredo, Maurício Miguel, Rego Mendes, Rita Morais, Rui Mota

**REDAÇÃO** Rua da Voz do Operário, 13, 1100 – 620 Lisboa

**IMPRESSÃO** Empresa Gráfica Funchalense, SA  
Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição,  
n.º 50 – Morelena, 2715 – 029 Pêro Pinheiro

**N.º DE REGISTO NA ERC** 107759

**DEPÓSITO LEGAL** 6394/84

**PERIODICIDADE** Mensal

**TIRAGEM** 4.000 exemplares

**ESTATUTO EDITORIAL** [www.vozoperario.pt](http://www.vozoperario.pt)



Membro da  
Associação da  
Imprensa  
Não-Diária

**a;nd**

Associação  
Portuguesa  
da Imprensa  
Regional

**ASSOCIAÇÃO  
PORTUGUESA  
DE IMPRENSA**

ESCOLA

# Revolução de Abril em debate



Alunos do 2.º ciclo da escola da Graça debatem fascismo e revolução

Quem entrou pela porta principal d'A Voz do Operário na Graça deu de caras com uma decoração com cravos e, depois, com o Auditório João Hogan completamente cheio. A comunidade educativa d'A Voz do Operário evocou a revolução de Abril, no passado dia 23, com a apresentação de um projeto e um debate com a participação da União de Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP). Durante a iniciativa promovida pelos alunos do 2.º ciclo, Olga Macedo, da organização antifascista, e Vítor Agostinho, diretor-geral d'A Voz fizeram um retrato da ditadura fas-

cista e responderam às dúvidas dos estudantes. Em conversa com o jornal *A Voz do Operário*, Miguel Dias e Anuar Bastos, de 11 e 10 anos, respetivamente, mostraram-se satisfeitos com a atividade. Não conseguiram chegar a acordo sobre se teria sido há duas ou três semanas o começo do trabalho. Mas este projeto fê-los saber mais sobre o período que antecedeu a revolução, a que alguns noutros países "chamavam golpe de Estado", explica Miguel. Já Anuar, conta que Olga Macedo é filha de um ex-presos político, encarcerado por entregar jornais e ser opositor ao regime. Foi tarrafalista.

Ou seja, esteve preso num campo de concentração chamado Tarrafal. Numa ilha de Cabo Verde, precisa Miguel, onde eram torturados na 'frigideira'. Depois fugiram ambos para França como muitos outros exilados políticos.

Miguel e Anuar não pensavam que a situação política e social fosse "tão horrível" nem "tão grave" antes da revolução e ouviram atentamente Vítor Agostinho falar da sua experiência na prisão. "Uma das coisas de que se falou foi da tortura do soro", explica Miguel enquanto começam a debater se era do soro ou do sono. Afinal, era do sono. Do que se lembra bem é que sobre os homens caía mais violência física e sobre as mulheres mais violência psicológica.

De seguida, os presentes no auditório puderam assistir à projeção de um vídeo em que vários alunos contavam o que sabiam sobre o 25 de Abril. Uma das protagonistas destacou que havia sido um alívio para todos os presos políticos. Outro referiu que as pessoas passaram a poder falar à vontade. A liberdade de expressão foi, aliás, um dos direitos mais destacados.



**Antiga Agência Funerária  
Domingos & Diniz**  
Gerência de João Natividade

**Descontos de 15%  
para sócios de  
A Voz do Operário**

R. de Sta. Marinha, n.º 4, 1100-491 Lisboa  
R. de S. Vicente, n.º 34, 1100-574 Lisboa  
T. 218 861 649 F. 218 875 213 TM. 919 311 363

## ASSOCIAÇÃO

# Noites de quiz

As noites de sexta-feira n'A Voz do Operário voltam a receber a cultura geral em forma de jogo e diversão. Qualquer pessoa pode aparecer numa equipa composta de dois a cinco amigos e testar os seus conhecimentos. Os temas são os mais variados. Desde futebol, a história e geografia, literatura russa, cinema realista ou até mesmo novelas brasileiras dos anos 80. O número de perguntas é sempre o mesmo: 50. O preço, um euro por jogador. A equipa vencedora recebe o valor do seu consumo no bar da associação.



## MARCHAS POPULARES

# Ensaaios da Marcha Infantil já começaram



Crianças ensaiam na Voz do Operário na Graça

A um mês da primeira exibição no Altice Arena, a Marcha Infantil d'A Voz do Operário começa a ganhar vida numa engrenagem que envolve a participação de mais de 200 pessoas, entre crianças, funcionários, sócios, pais e amigos da instituição. Uma vez mais, as inscrições foram um êxito e desde 10 de abril que cerca de 75 meninas e meninos dos vários pontos de Lisboa marcham diariamente sob a batuta da ensaiadora Sofia Cruz. Com as canções

já na ponta da língua, o destaque vai para a letra de Sara Costa e música de Carlos Alberto Vidal, a estrear no antigo Pavilhão Atlântico e na Avenida da Liberdade. Para além desta, os marchantes vão entoar a Grande Marcha de Lisboa, que há mais de duas décadas se ouve por toda a cidade nas festas populares e que é cantada obrigatoriamente por todas as marchas. Este ano, a letra versa sobre *A Canção de Lisboa*, em homenagem a Vasco Santa-

na. Como não podia deixar de ser, os meninos vão também recordar, uma vez mais, que querem um dia “que não vem no calendário e ser felizes n'A Voz do Operário”. Outra das canções, de 2013, vai dar o mote ao tema deste ano: homenagear os bairros da cidade, as suas coletividades e as diferentes marchas. Os marchantes, que têm entre 6 e 12 anos, encontram-se entusiasmados e Sofia Cruz revela que nem sempre é fácil gerir os ensaios com um grupo tão numeroso mas que no momento certo todos desempenham os seus papéis.

## A Voz do Operário promove união

A par dos ensaios gerais, há um esforço coletivo de muitos voluntários na elaboração dos arcos e dos fatos. As costureiras trabalham, aliás, para uma das grandes surpresas deste ano. Os marchantes, para além dos fatos próprios d'A Voz do Operário, vão levar os figurinos das 24 marchas da cidade. A proposta apresentada por esta instituição foi bem recebida pela esmagadora maioria dos dirigentes e ensaiadores com muitas das coletividades a quererem pagar do seu bolso os fatos que os meninos da Marcha Infantil vão envergar. “Aqui se prova que há um grande respeito e carinho pela nossa marcha e pel'A Voz do Operário”, afirma Sofia Cruz. Segundo a ensaiadora, o objetivo desta iniciativa é não só homenagear as coletividades que se empenham com sacrifício, ano após ano, na promoção deste evento anual mas também mostrar que, pese as diferenças, a união e o *fairplay* devem dominar as relações entre os bairros e as marchas. Este prestígio, conta ainda Sofia Cruz, também é visível na quantidade de marchantes d'A Voz que ao longo dos anos acabam noutras marchas. “É como se fosse uma escola e muitos dos que aqui participam são também eles filhos de marchantes”, explica com orgulho.

## REFORMADOS

# Inscrições para o piquenício do MURPI estão abertas

É já no próximo mês que milhares de reformados, pensionistas e idosos vão participar no 23º Piquenício Nacional organizado pelo MURPI com o apoio da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. Várias expressões da cultura, entre as quais, o canto, a música, a dança e o teatro vão ter lugar marcado no dia 3 de junho no Parque das Feiras e Exposições desta

localidade alentejana. Esta iniciativa anual é uma importante expressão de força do movimento de reformados, pensionistas e idosos pela intervenção por mais direitos e melhores condições de vida. A Voz do Operário disponibiliza um autocarro a todos aqueles que queiram participar, bastando para isso a inscrição na receção da instituição na Graça ou através do

e-mail [acaosocial@vozoperario.pt](mailto:acaosocial@vozoperario.pt).

Este ano a Confederação Nacional de Reformados, Pensionistas e Idosos celebra o 40.º aniversário da sua fundação. Na 1.ª Conferência desta organização realizada na Amadora com a participação de mais de duas centenas de associações traçaram-se os objetivos políticos e sociais que ainda hoje norteiam o MURPI.

## CENTRO DE CONVÍVIO



Utentes do Centro de Convívio durante a visita

# Utentes visitam Casa Fernando Pessoa

Cerca de uma dezena de utentes do Centro de Convívio d'A Voz do Operário visitaram a Casa Fernando Pessoa no dia 18 de abril que os levou pela vida do poeta português. A visita teve lugar em Campo de Ourique, naquela que foi a habitação do escritor nos últimos 15 anos de vida e onde é possível visitar a reconstituição do seu quarto, a sala multimédia e a biblioteca especializada em poesia mundial. A tarde começou com uma conversa sobre a coleção de desenhos e pinturas que traduzem a influência do trabalho do escritor na obra de diversos escritores como Júlio Pomar e Almada Negreiros. Foi justamente a representação mais conhecida de Fernando Pessoa criado pelo pintor modernista que os utentes puderam observar do varandim do primeiro andar. "Fernando Pessoa lendo Orpheu" foi o título que, em 1954, Almada Negreiros deu à obra que retrata o seu amigo. Quem visita a Casa Fernando Pessoa toma também contato com a originalidade literária do poeta, reconhecível pela criação dos principais heterónimos Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e do semi-heterónimo Bernardo Soares. Fica a conhecer alguns detalhes da vida do escritor e da vida no tempo em que viveu, bem como a relação que manteve com outros artistas da sua geração. Na reconstituição do que era o seu quarto, a ex-

posição da guia do museu levou os utentes visivelmente satisfeitos por uma viagem biográfica que incluiu os documentos da vida do poeta, como um bilhete de identidade, cartões de visita, o contrato deste arrendamento do apartamento, diplomas escolares e diversos objetos pessoais que são também testemunhos da época. No final dos anos 80, a Câmara Municipal de Lisboa adquiriu o prédio que se encontrava em mau estado de conservação e em risco de ser demolido. O fato de ter sido a última morada de Fernando Pessoa fazia deste edifício um lugar privilegiado para depósito e exibição do espólio do escritor, então na posse da Câmara Municipal de Lisboa: objetos pessoais, algum mobiliário e uma grande parte dos livros que pertenceram ao escritor. Inaugurada a 30 de novembro de 1993, no dia do aniversário da morte do poeta, a Casa está desde então aberta ao público. Todo o edifício foi reconstruído, segundo o projeto da arquiteta Daniela Ermano, mantendo-se apenas como originais a fachada, as escadas que levam ao primeiro andar e duas divisões do apartamento da família. Desde a sua abertura que a Casa dispõe de um auditório, uma biblioteca e uma reconstituição do quarto do escritor, respondendo à sua vocação de casa de literatura de Lisboa. Em 2013, inaugurou-se uma sala multimédia, no terceiro piso.

## A VOZ DO OPERÁRIO

## Salão recebe 2.ª Gala de Fado em novembro

A 12 de novembro de 2017, A Voz do Operário realizou a sua primeira Gala de Fado com a atribuição de prémios a personalidades ou instituições ligadas direta ou indiretamente a este género musical. Esta iniciativa com um carácter solidário e a participação voluntária de todos os fadistas revelou-se um êxito e teve entre os seus objetivos a angariação de fundos para as obras de requalificação do Salão de Festas da instituição. O contributo coletivo resultou num saldo de 3.350 euros que anima aqueles que querem continuar a fazer deste um espaço para atividades culturais e associativas. Foi nesta relação indissociável que se decidiu agendar a segunda edição da Gala de Fado para 11 de novembro, dia de São Martinho.

A ligação entre a Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário e o fado remonta à sua criação no final do século XIX. Ao longo de mais de cem anos, foram inúmeras as personalidades da música que ajudaram a manter viva uma atividade regular, através de sessões de fado realizadas ou apoiadas pela instituição. Também as páginas do jornal A Voz do Operário estiveram sempre abertas a muitos autores que nelas quiseram registar as suas letras e defender este género musical enquanto expressão cultural da classe trabalhadora.

## RELATÓRIO E CONTAS

## Assembleia-Geral aprova Relatório e Contas

Foi aprovado por unanimidade o Relatório e Contas de 2017, apresentado na Assembleia-Geral ordinária realizada a 19 de abril. O documento apresentado aos sócios d'A Voz do Operário destaca que, no ano passado, se consolidou o crescimento da atividade, especialmente na área educativa, onde a ocupação atingiu praticamente a sua máxima capacidade. Reforçou-se o relacionamento com os associados estimulando a sua participação através de um espaço próprio em que para além da confraternização se promoveram atividades desportivas, culturais e de lazer. Foi também o ano da 30.ª Marcha Infantil, inserida nas Festas Populares. Também se voltou a realizar o tradicional Arraial Popular d'A Voz. O 134.º aniversário da instituição ficou marcado pela homenagem a Domingos Abrantes, uma iniciativa de reconhecimento pelo seu percurso de vida dedicada à luta por uma sociedade sem exploradores nem explorados, desde a resistência antifascista até hoje. Foram entregues novos cartões aos sócios e manteve-se a publicação regular do jornal, assim como a atualização do site. O documento recorda que se editou uma revista sobre Fado, e o livro das 30 edições da Marcha Infantil. Os trabalhos de melhoramento da Biblioteca prosseguiram e houve várias iniciativas de angariação de fundos para obras de recuperação no Salão de Festas. Do ponto de vista económico e financeiro, o relatório revela que não foi um ano favorável. Apesar do acréscimo nos proveitos, houve um resultado negativo de 130 mil euros, consequência do reforço na atividade, da justa revisão salarial dos trabalhadores e de investimentos que se traduziram na melhoria das instalações. O documento vai estar disponível brevemente para consulta no site d'A Voz do Operário.



Sociedade de Instrução e Beneficência  
**A Voz do Operário**

**CENTRO DE CONVÍVIO**  
2ª > 6ª feira 14h > 18h

Mais informações: tel.: 218 862 155 / 918 619 102 email: [acaosocial@vozoperario.pt](mailto:acaosocial@vozoperario.pt)

## KARL MARX



Karl Marx e Friedrich Engels no *Rheinische Zeitung* (Nova Gazeta Renana), jornal alemão do século XIX, fundado e editado por Karl Marx.

# «De repente, porém, eleva-se a voz do operário»

Karl Marx fala da voz do operário que reivindica, não com apelos ao coração («pois em coisas de dinheiro os sentimentos não contam») mas com a luta. E ao falar-se de luta pode igualmente falar-se da Voz do Operário, das suas origens, da sua história e do seu papel. Ao assinalarmos o segundo centenário do nascimento de Karl Marx, propomo-nos abordar em cinco pinceladas alguns temas particularmente caros aos leitores.

Rui Mota

## 1. Educação

Karl Marx debruça-se sobre a educação em vários textos, não apenas pela sua importância material. A educação – e, em sentido mais restrito, a escola – era alvo de aceso debate e transformação na sociedade europeia da época, na esteira das Luzes do século XVIII. Marx envolve-se nessa discussão, contribuindo para uma reflexão materialista e socialista.

Logo em *Teses sobre Feuerbach*, de 1845, avança com uma ideia de educação de alguma forma em ruptura revolucionária com outros pensadores materialistas e do socialismo utópico. Para estes últimos, era evidente que os seres humanos eram «produtos das circunstâncias e da educação», pelo que se tiraria a também evidente conclusão de que outros seres

humanos, «transformados», teriam de ser «produtos de outras circunstâncias e de uma educação mudada».

Não se tratava apenas de uma declaração de intenções. Robert Owen, um dos precursores do socialismo, procurou educar as crianças que cresciam à volta das fábricas de que era gerente na Escócia, tendo criado escolas infantis cujo sucesso se media pelo facto de que as crianças «gostavam tanto de [lá] estar que era difícil levá-las de novo para casa». Marx refere em *O Capital* que a «instrução do futuro» se baseia nas sementes lançadas por Owen, ligando «trabalho produtivo com ensino e ginástica», o «único método para a produção de

homens plenamente desenvolvidos».

Mas essa «instrução do futuro», as circunstâncias que a permitem «são transformadas precisamente pelos seres humanos», concluindo que «o educador tem ele próprio de ser educado». De forma ainda

mais clara, diz-nos em *A Sagrada Família* em 1844 que «Se o ser humano é formado pelas circunstâncias, então tem que se formar humanamente as circunstâncias».

Também o *Manifesto do Partido Comunista*, de

1848, obra seminal do socialismo científico, podemos encontrar reflexões sobre educação, das quais se destacam duas ideias. Primeiro, que «Os comunistas não inventam o efeito da sociedade sobre a

educação; apenas transformam o seu carácter, arrancam a educação à influência da classe dominante». Segundo, que, na «conquista da democracia pela luta», uma das medidas «inevitáveis» é a «Educação pública e gratuita de todas as crianças.» Passados 170 anos sobre a publicação do *Manifesto*, esta continua a ser uma bandeira de plena actualidade.

## 2. Infância

A educação tem, como vimos, uma destacada importância para Karl Marx. No entanto, ela confrontava-se com um obstáculo poderoso: o trabalho infantil.

Em várias obras, mas destacadamente em *O Capital*, a sua obra económica fundamental, Marx conta como «O trabalho coercivo para o capitalista usurpou [...] o lugar das brincadeiras de criança». Isso acontece porque o trabalho infantil é fundamental e transversal no modo de

**«Se o ser humano é formado pelas circunstâncias, então tem que se formar humanamente as circunstâncias».**

produção capitalista, como inúmeros relatórios demonstram (e demonstravam já à época). Tem, além do mais, a consequência degradante de «transformar pais, devido às suas necessidades, em proprietários de escravos, vendedores dos seus próprios filhos».

Na denúncia desta realidade, Marx não desculpa nem responsabiliza os progenitores – «Não foi, no entanto, o abuso do poder dos pais que criou a exploração, directa ou indirecta, de forças de trabalho imaturas pelo capital, mas foi, inversamente, o modo capitalista de exploração que tornou o poder dos pais num abuso pela supressão da base económica que lhe corresponde.» – mas afirma inequivocamente que «a parte mais esclarecida da classe operária», ao saber que o futuro da humanidade depende da formação das gerações vindouras, tem de fazer valer «O direito das crianças e dos jovens», algo que só é possível «convertendo a *razão social* em *força social*», nomeadamente «através de *leis gerais* impostas pelo poder do Estado».

A história que nos separa desde então testemunha bem a validade desta afirmação. Mesmo sabendo que hoje, segundo um estudo apresentado no início

se mais firmes, como pelo seu alcance, tendo das maiores tiragens de toda a Alemanha. Assustada com essa realidade, a censura vai encerrar a revista em 1843. Contudo, a sua herança foi tão significativa que cinco anos depois Karl Marx fundará a *Neue Rheinische Zeitung* [*Nova Gazeta Renana*], prosseguindo nela a mesma batalha. Tal como a anterior, a censura viria igualmente a encerrá-la, expulsando Marx da Alemanha no processo.

Engels refere, ao recordar quase quarenta anos mais tarde a importância da *Nova Gazeta Renana*, que esta «possuiu o poder e a influência» e «soubes electrizar as massas proletárias» como nenhuma outra publicação até então.

Destas perseguições e encerramentos se comprova como o direito da liberdade de imprensa, juntamente com o de associação e de reunião, era indispensável para uma «organização autónoma» da classe operária. A burguesia sabia bem

de imprensa está em não ser um negócio.»

A história do jornal *A Voz do Operário*, de como e porquê foi fundado, é prova de tudo isto.

#### 4. Movimento operário

Ora, *A Voz do Operário* pretendia «estudar o modo de resolver o grandioso problema do trabalho» e revelava, nesse seu propósito, que os operários tabaqueiros, em particular, e a classe operária portuguesa, em geral, sabiam que para tal tinham sobretudo de contar com a sua própria iniciativa.

Essa conclusão era já legado de uma elevada matura-

ção do movimento operário mundial, cujas formas de organização, diferenciadas pelas circunstâncias históricas de cada país, foram alvo de permanente reflexão por parte de Karl Marx. Valorizando todos os passos em frente que eram dados, afirmava-se no *Manifesto* que «O resultado propriamente dito das

tudo uma outra que se desenvolvia em sua consequência: esses primeiros sindicatos «estavam a formar *centros de organização* da classe operária», o que os obrigava a «aprender a agir deliberadamente como centros organizadores da classe operária no amplo interesse da sua completa emancipação».

Para esse objectivo, as classes operárias de todo o mundo possuíam logo à partida «um elemento de sucesso – o número». Se isto era verdade em meados do século XIX, que dizer deste tempo em que 42 pessoas acumulam a mesma riqueza que as cerca de 3,7 mil milhões de pessoas mais pobres? Contudo, não é apenas aritmética, pois Marx acrescenta que «o número só pesa na balança se unido pela combinação e guiado pelo conhecimento».

#### 5. A superação do capitalismo

A união faz a força. Mas saber o que fazer com ela não é menos importante. O mais significativo contributo de Karl Marx para a humanidade prende-se exactamente com o conhecimento que ela passou a adquirir.

Friedrich Engels foi um revolucionário de corpo inteiro cujo contributo para

**152 milhões de crianças, com idade entre 5 e 17 anos, estão sujeitas a formas de trabalho infantil.**



Trabalho infantil numa fábrica



Manifestação operária na Rússia

de 2018, 152 milhões de crianças, com idade entre 5 e 17 anos, estão sujeitas a formas de trabalho infantil. Algo que reforça a justiça e a necessidade de outra medida enunciada no *Manifesto do Partido Comunista*: «Eliminação do trabalho das crianças nas fábricas na sua forma hodierna.»

#### 3. Imprensa

Foi na imprensa que Karl Marx começou a sua intervenção política pública. Escreve na *Rheinische Zeitung* [*Gazeta Renana*] no início de 1842 e a partir de Outubro do mesmo ano será chefe de redacção. Marx contribuiu decisivamente para o crescimento da revista, tanto pela dimensão política, com a denúncia e o combate nas suas páginas a tornarem-

dessa importância, pois foram também direitos que teve de conquistar para se impor como classe dominante.

Por isso, pode falar-se de liberdade de imprensa sem se querer dizer com isso *liberdade* de imprensa. Como Marx refere, de forma bastante poética, numa série de artigos de Maio de 1842 (na verdade, os seus primeiros trabalhos publicados), «Se eu verdadeiramente amo algo, sinto que sua existência é essencial, que é algo de que necessito, sem o qual a minha natureza não pode ter uma existência completa, satisfeita, plena. Os defensores da liberdade de imprensa [...] parecem desfrutar uma existência completa mesmo na ausência de qualquer liberdade de imprensa.»

É poético, mas Marx não abdica da dimensão de classe: «A principal liberdade

suas lutas não é o êxito imediato, mas a união dos operários que cada vez mais se amplia.»

Essa união é essencial, na exacta proporção em que a desunião dos trabalhadores é intrínseca ao modo de produção capitalista, «é criada e perpetuada pela inevitável concorrência entre eles próprios». Como Marx declara nas suas *Instruções* para delegados ao I Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, em 1866, os primeiros sindicatos «nasceram das tentativas espontâneas de operários para remover ou, pelo menos, controlar essa concorrência, a fim de conquistar termos de contrato tais que os pudessem elevar, pelo menos, acima da condição de meros escravos».

Reconhecendo essa actividade como «legítima» e «necessária», realça con-

a libertação da classe operária vai muito para lá da amizade que manteve toda a vida com Karl Marx. Porém, no prefácio à primeira edição do *Manifesto* (que, recorde-se, é obra de ambos) após a morte do amigo em Março de 1883 Engels reconhece que «o pensamento fundamental» pertence a Marx.

Toda a ciência marxista parte destas premissas de Marx incluídas no *Manifesto*: em cada época é «a produção económica» que explica a «história política e intelectual dessa época»; a história da humanidade é a «história de lutas de classes»; essa história conduziu-nos até hoje, em que «a classe explorada e oprimida» só se consegue emancipar libertando «para sempre a sociedade toda da exploração, da opressão e das lutas de classes».

SÉRGIO RIBEIRO

# “Karl Marx é deturpado, mas está sempre vivo”

Quando rebentou a revolução de 1974 estava atrás das grades, em Caxias. É assim que Sérgio Ribeiro lembra as primeiras horas de Abril. Doutorado em Economia, foi diretor-geral do Emprego durante o governo encabeçado por Vasco Gonçalves e deputado à Assembleia da República e ao Parlamento Europeu pelo PCP. Entre livros e recortes de jornais na sua casa, em Ourém, conversa com A Voz do Operário sobre os contributos e atualidade de Karl Marx no, ano em que se comemora o bicentenário do revolucionário alemão.



Sérgio Ribeiro na sua casa em Ourém

Bruno Amaral de Carvalho

## Marx é uma súpula histórica do melhor da filosofia, economia, política?

Ele próprio é uma súpula inacabada. Quando Marx morreu, em 1883, estava a aprofundar o estudo das ciências da natureza... Ele beneficiou de Darwin, de Adam Smith... beneficiou de tudo o que lhe foi anterior e transmitiu-nos, à sua luz, tudo a que foi chegando.

Ele... e o companheiro “cúmplice” Engels, uma figura que, na própria vida, é um exemplo de continuidade e de mudança, de altero e auto-crítica.

## Engels é uma peça fundamental nesta vida?

O *Capital* é o exemplo disso. Marx só publicou o primeiro livro. Os outros foram todos editados por Engels a partir de apontamentos, notas, cadernos... uma série de documentos que Marx deixou, mas não em estado

de serem publicados. São três volumes em oito tomos e foi Engels que tudo organizou a partir da base material que Marx deixou. Foi fundamental.

Aliás, o *Manifesto do Partido Comunista*, em 1848, é da autoria dos dois. Além de que também há algumas obras só dele. É uma figura importantíssima no marxismo.

## Qual é a vigência de Marx atualmente? Há quem tente escondê-lo, arrumá-lo na história...

Tem a vigência da vida! Porque as coisas vão acontecendo por forma que fazem desmentir todos esses esforços de tirar valor ao contributo de Marx. O pensamento de Marx tem a importância imprescindível, para nós percebermos hoje o que se está a passar, de ter descoberto três ou quatro coisas que são fundamentais. E teve a modéstia de dizer ‘o que fiz de importante foi isto...’ mas não falava n’O *Capital*, no *Manifesto*, falava em três ou quatro ideias que não atribuiu a si, que

atribuiu a ter tido a capacidade de pegar em ideias de outros e transformá-las em novas, juntando a todas as outras. Num momento histórico, Marx teve a capacidade de apanhar tudo o que recolheu dos outros e dar-lhe um salto qualitativo. Aliás, isso tem a ver com a dialética, com a filosofia.

## Tendo Marx descoberto elementos chave para interpretar a realidade, também dizia que mais importante é transformar o mundo. Quais são os contributos nesse aspecto?

Essa é a sua última tese sobre Feuerbach. Porque é que eu estou a sublinhar isto? É que Marx, numa fase de descoberta, deu com a filosofia e é com Feuerbach que se torna materialista porque até aí estava influenciado pelo idealismo hegeliano. Quando passa por Feuerbach, elabora uma série de teses em que a última é essa, e torna-se materialista. Essa frase passa a ser célebre num momento ainda recuado do pensamento de Marx. Em que está longe de dizer como passar da especulação

sobre o mundo – sobre a sociedade, sobre o homem, sobre o ser humano – para a sua transformação mas afirma a sua necessidade. Só mais tarde, no seu percurso, é que chega à economia, à economia política, a começar com os *manuscritos* e a acabar n’O *Capital*. Esta fase será a crítica da economia política num pensamento integrado e que não existiria sem o que a antecede.

É por isso que uma das grandes mistificações ou aldrabices contra Marx tem a ver com a preocupação de o dividir em duas fases: o jovem Marx e o Marx revolucionário. Não! Nessa passagem que tu referiste está em evolução do especulativo para o transformador. Transformar, como? E aí aparece a apreensão do funcionamento da economia. É a fase final do percurso que acabou com a morte dele, mas que continuou com Engels e que tem de continuar connosco.

### Mas que aspectos da vida e da obra de Marx é que contribuíram para a transformação daquele tempo?

Claramente a noção de mais-valia. A partir da teoria do valor e do carácter dual do trabalho; da leitura histórica de que os seres humanos, pela sua posição no processo de aproveitar os recursos pelo trabalho criador para satisfazer necessidades, há um momento em que se dividem em classes sociais. E como é que elas vão mudando. Como é que a classe burguesa, desde o final do século XVIII, é predominante, e é dominante através da apropriação de mais-valia por ser proprietária de meios de produção, e criou a classe operária e o assalariado.

### Ainda hoje a propriedade dos meios de produção é central do poder político económico

É. Mas com dados novos e facetas novas. Não é evidente porque, como resposta de um processo histórico, que corresponde àquilo que é a leitura histórica que colhemos em Marx, há que perceber como é que neste processo, em que o motor será a satisfação das necessidades – como seres humanos temos necessidades: de comer, de nos abrigar, de lutar contra outros animais, de preservar o meio-ambiente ... –, como é que este processo tende a evoluir através da criação de meios e, para isso, sabendo que esses meios se vêm transformando a cada momento. Era muito claro e era muito evidente, na altura do Marx, que o operário, com os meios de produção de que foi despossado e de que outros se apropriaram, produzia aquilo de que necessitava.

Isto já não é tão evidente porque se criaram meios de produção muito mais elaborados em que o corpo humano foi substituído por peças cada vez mais complexas. Se nós pensarmos que o sucessor da enxada é o computador, se pensarmos que o telemóvel é o que prolonga a nossa voz para comunicar com os outros, e como é que isso complexificou, vemos como é que os meios de produção se transformaram também.

### Ainda assim, os detentores do poder político continuam a ser os detentores dos meios de produção...

Diria o contrário...

O que acontece é que tudo se tornou menos evidente, menos (ou mais...) aparente. Marx tem uma frase interessante onde diz que se a essência fosse igual à aparência não havia ciência. É curioso como a aparência se tem vindo a sobrepor àquilo que era evidente, não apagando a essência. Há um aparelho ideológico.

Não há é a certeza de que esse aparelho ideológico esteja consciente da ideologia. As coisas correm, há quem as aproveite sem ver a essência desse aproveitamento. Parece interessante, como contributo de Marx, ele ser muito crítico mas não ser juiz. Isto quer dizer que o que nós temos de condenar ideologicamente é um sistema e não os seus fautores porque se não pode

## Num momento histórico, Marx teve a capacidade de apanhar tudo o que recolheu dos outros e dar-lhe um salto qualitativo.

entrar-se numa via que me parece ser perigosa que é a de se estar contra os capitalistas e não se ser contra o capital como relação social.

### Porque é que Marx reaparece sempre?

Não será Marx que aparece sempre, reaparece sempre aquilo que Marx investigou. Reaparece sempre porque houve leis do processo histórico a que Marx chegou através do estudo, da reflexão, da acção e reaparece repetindo-se, repetindo-se sempre como se novo fosse. Particularmente nestes duzentos anos que estamos a atravessar, a luta de contrários pode levar das fricções às agressões e como os detentores da predominância da relação social, na correlação de forças, para manterem a dominância, podem ser capazes de tudo se não forem travados pelos outros. É que vivemos num momento histórico em que se pode comprovar mais uma vez que à classe dominante serve a guerra para manter a dominância, enquanto que à classe dominada ou explorada só interessa a paz. Só assim é que conseguirá avançar... ou então ganhando o conflito.

Agora estamos perante uma realidade assustadora porque a evolução das forças de produção foi de tal ordem que podem tornar-se na destruição da própria espécie humana, da humanidade. Fica muito claro que

## vivemos num momento histórico em que se pode comprovar mais uma vez que à classe dominante serve a guerra para manter a dominância, enquanto que à classe dominada ou explorada só interessa a paz.

uma luta que se torna vital é a luta pela paz. E isto confronta outro aspecto interessante em que, mais uma vez, Marx reaparece que é a questão de como é que estamos numa fase em que as crises do capitalismo tomam uma expressão que é absurda, através de uma forma imaterial. A moeda perdeu materialidade. Marx já previa que o crédito, que o dinheiro sem base material viesse a ter importância. Naquela altura não tinha. As relações materiais foram-se complexificando por forma a que a classe dominante, através dos seus meios, impôs a desmaterialização. Isto é possível por quanto tempo?

### Há cada vez mais leituras sobre Marx, nomeadamente no meio académico, que o afastam do carácter revolucionário. Porque é que isto acontece?

Quando eu era estudante, Marx foi-me apresentado por um professor católico e, na altura, foi uma revelação. Mas aquele Marx que aquele professor me apresentou não é o que eu vim a conhecer, era o primeiro -Marx, o que estava no início do seu percurso.

As academias não podem afastar-se de Marx porque não pode acontecer a Marx o mesmo que acontece a Keynes. Keynes fez algumas descobertas interessantes para os economistas, dentro do sistema, dando como adquirido parte da realidade que está em mudança, mas sendo forçado a aceitar aspectos como o da socialização do investimento, que a classe dominante não pode aceitar. Daí que Keynes seja banido de vez em quando, ao contrário de Marx. Marx nunca é banido, é posto de lado, é deturpado mas está sempre vivo.

### E a ideia de que se pode construir um sistema capitalista humanizado?

Essa é a via/desvio social-democrata. Há um elemento importante no pensamento de Marx que não é considerado como fundamental que é o da “ditadura do proletariado”. Só é possível a passagem de uma relação social dominante para outra através de um período em que o dominado domine.

Tem sido historicamente procurado, através do controlo político e institucional – de uma democratização parcial –, impor à classe que domina a correlação de forças, regras que não lhe servem.

A social-democracia existe e insiste. Mas, dentro do capitalismo, com a classe detentora dos meios de produção a dominar o político, as experiências que têm sido feitas não têm resultado, na perspectiva revolucionária. Nem poderiam. Antes preservam a dominação, a exploração do homem pelo homem.

### O nosso processo revolucionário também encarna os princípios políticos de Marx?

Marx, ao ser guia para a acção, não ensina *como fazer*. Não dá respostas dogmáticas ao ulterior *Que fazer?* de Lenin.

No nosso processo, demos passos em frente que naquelas condições foram possíveis. A nossa experiência foi tão importante que continua a ser, apesar de parecer deixar de ser...; tão importante que, enquanto que noutras situações foram desaparecendo os partidos de classe, os sindicatos de classe, e a classe ficou sem sindicalismo e sem organização política. Em Portugal, não.

Está presente, influentemente, a força que vem de trás e que nasceu em meio século de fascismo e de resistência. É condição de Marx não deixar de ver o processo histórico no momento em que ele se está a concretizar. Há um aspecto muito importante que Marx nos traz como contributo. Se é fundamental a existência de organizações que continuem o seu contributo, quer políticas quer sindicais, é indispensável que essas organizações de nenhuma maneira se transformem em colectivos de elites, devem manter-se vanguarda. As elites separam-se das massas, a vanguarda são a primeira linha das massas e, assim sendo, a vanguarda transforma-se em elites se se afasta das massas. O que eu quero dizer é que é fundamental a tomada de consciência do processo histórico. Do papel das classes, do seu lugar na História.

## ALMADA



Concentração em frente aos Paços do Concelho

## Trabalhadores municipais exigem integração

Uma vez mais, a dignidade tomou os Paços do Concelho em Almada onde mais de 250 pessoas se concentraram em solidariedade com os 51 trabalhadores da higiene urbana que exigem ao executivo PS a regularização dos seus vínculos precários. Em declarações ao diário digital *AbrilAbril*, Pedro Rebelo, do Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local (STAL), afirmou que o que se exige é nada mais do que “a integração no mapa do pessoal”, conforme a lei 112/2017. De acordo com o dirigente, os trabalhadores tinham reunião marcada com o vice-presidente da autarquia, João Couvaneiro, na qual pretendiam entregar um abaixo-assinado com

mais de 900 assinaturas exigindo a integração efetiva. Porém, afirmando que a reunião foi marcada pela Comissão de Trabalhadores, o eleito do PS disse ao seu chefe de gabinete que recusava recebê-los, “sem sequer falar pessoalmente com os trabalhadores”. Foi então que irromperam pelo edifício adentro, em direção ao gabinete de João Couvaneiro, onde entraram e exigiram uma reunião. Argumentando que se tratava de uma invasão, o autarca recusou prestar contas a quem ali estava e teve de ouvir as queixas dos trabalhadores que lhe deixaram um abaixo-assinado. Os trabalhadores foram contratados no verão do ano passado com o objetivo de cumprir uma função concre-

ta: o reforço da limpeza em época balnear. Mais tarde, passaram para os serviços trabalhando em necessidades permanentes, com o prolongamento dos contratos, numa perspetiva de colmatar alguma falta de pessoal. Porém, apesar de a lei permitir a sua integração, o atual executivo da Câmara recusa fazê-lo. “Insistem no argumento jurídico, que já foi desmontado inclusive pela vereadora dos Recursos Humanos, Deolinda Silveira, de que por lei não podem proceder à regularização”, afirmou Pedro Rebelo. Segundo o dirigente, os trabalhadores já marcaram um novo plenário para abordar novas formas de luta face à contínua recusa da Câmara. Este protesto deu continuidade ao anterior que se realizou no fim de março. Numa nota enviada às redações, a União dos Sindicatos de Setúbal (USS) da CGTP-IN denunciou ainda que o PS «não pode dizer que é contra a precariedade na Administração Pública para depois, tendo hipótese de regularizar vínculos, não o fazer». Por outro lado, coloca a hipótese de esta decisão da Câmara Municipal de Almada poder estar relacionada com uma intenção: “começar a entregar o serviço público de limpeza a empresas privadas”, estando já “a pôr em causa o serviço público de limpeza e higiene urbana prestado à população de Almada”.

Esta luta realiza-se também num momento de tensão entre sindicalistas e a autarquia acusada de restringir a participação sindical. Em causa estão direitos consagrados há décadas no município pelos anteriores executivos que “reconheciam utilidade pública à participação sindical dos trabalhadores, dispensando-os para a sua participação”, afirmou a USS. Nos últimos plenários realizados, os trabalhadores da Câmara Municipal e dos vários serviços municipalizados repudiaram a decisão e exigiram a reposição de todos os direitos plenos de participação e atividade sindical. A USS denunciou ainda que a 14 de março nos SMAS, os trabalhadores das oficinas gerais realizaram um plenário em pé, pois não foram cedidas instalações para a sua realização, ao arpejo do consagrado na lei.



## Novos conceitos, novas palavras

Chegaram à nossa língua nos últimos tempos duas novas palavras correspondentes a dois novos conceitos: subsidiariedade e gentrificação.

A primeira deveria agora ressurgir quando se fala de descentralização e regionalização pois ela refere-se ao escalonamento das responsabilidades e compe-

tências da administração da *rés-pública*, ou seja, por outras palavras – o que pode ser resolvido entre vizinhos ou nas freguesias, não precisará de ser resolvido nos municípios e o que aí pode ser resolvido, não precisará de o ser na região, no país, na Europa ou numa sucessão que chega hoje ao nível global.

A segunda refere-se a um fenómeno que ocorre atualmente no mundo urbano e diz respeito a atração-repúdio que determinados locais das cidades exercem sobre a composição social e económica dos seus habitantes ou de quem as procura.

Há referências ao fenómeno na obra de Marx e não é de estranhar que assim seja pois o que está em jogo são rendas, propriedades, alojamento para o maior número, especulação...

A literatura norte-americana do século XX denominou efeito *donuts* o ocorrido quando, em consequência da degradação ambiental, as classes de maior poder económico migraram para as periferias deixando os centros vazios ou ocupados por gente pobre.

Na Europa, onde o centro das cidades possui um poderoso lastro histórico e cultural, o fenómeno ganhou outros cambiantes e é possível, tendo como “caso de estudo” a cidade de Lisboa, definir três fases:

Na primeira o setor terciário, a banca e os escritórios empurraram a população envelhecida para as mansardas e foi o tempo em que a Baixa teve uma vida espasmódica – cheia das nove às sete e desértica nas restantes horas do dia.

O fenómeno alterou-se numa segunda fase quando uma geração jovem, culta e com disponibilidade financeira, atraída pela tipicidade da vida de bairro, começou a alugar ou a comprar casas e para isso muitos velhos, aliciados, voltaram para a terra ou foram para os subúrbios.

Na terceira gentrificação que ocorre atualmente, as “invasões” são maioritariamente de gente de fora, tanto turistas comuns como “turistas dourados”, que encontraram para se instalarem terreno fértil e adubado pelas políticas habitacionais de governos de direita, de triste memória e cujas sequelas tardam em desaparecer.

Um último comentário: é falacioso o argumento de que esta última gentrificação tem contribuído para a recuperação do parque imobiliário das nossas cidades e mesmo que assim fosse pergunta-se – a que preço? Quem está a pagar? Quem está a ganhar? Em prejuízo de quem?

Francisco Silva Dias

Transportes públicos



## Sempre que puder, vá de autocarro? Não. Sempre que puder, vá a pé!

A Carris tem vindo a promover uma campanha publicitária tendente a levar quem circula na cidade de Lisboa a optar pelo autocarro. Trata-se no entanto de publicidade enganosa.

Aconteceu-me há algum tempo, quando pretendia ir de Sapadores para o Cais do Sodré dirigir-me à paragem do 735 e deparar com o anúncio de um tempo de espera previsível de 43 minutos, o que para um percurso que a pé me demora cerca de 30 minutos é no mínimo desmobilizador.

Como poderia tratar-se de uma situação pontual, decidi fazer uma experiência.

Como a Carris tem uma aplicação que nos permite saber o tempo de espera previsto para os autocarros nas diversas paragens da sua rede resolvi deslocar-me virtualmente a várias paragens para saber a qualidade da oferta que estava a ser oferecida, sendo a fonte a própria empresa, logo isenta de qualquer suspeita.

Na terça-feira dia 17 de abril, por volta das 17 horas e 30 minutos fui à descoberta e os resultados foram não sei se de espanto se aterradores.

Para facilidade de leitura os valores obtidos foram colocados em quadro.

O record é batido pela carreira 746, entre o Marquês de Pombal e a estação da Damaia, com 55 minutos de espera.

Para agravar a situação, o tempo de percurso entre a origem e o destino, também segundo os dados recolhidos na empresa, é de 38 minutos.

Quem tiver paciência pode fazer o mesmo exercício e verá que a amostra pode ser alargada a muitos tempos de espera superiores a 20 minutos.

Quando nos perguntam “que exemplo estamos a dar aos nossos filhos” a nossa resposta é exigirmos mais respeito enquanto utentes com uma oferta de qualidade que não obrigue a recorrer a transporte individual e aconselharmos a sempre que pudermos andarmos a pé.

Local da paragem	Carreira	Espera
Marquês de Pombal	702	40 min
Av. Ant. Augusto Aguiar	746	55 min
Hospital da Estefânia	712	25 min
Lg. Trindade Coelho	758	33 min
Mercado de Xabregas	794	32 min
Doca de Xabregas	728	32 min
Azinhaga das Veigas	793	42 min
Estação Braço de Prata	755	31 min

Rego Mendes

FIDELIDADE

## “Governo tem de impedir descalabro social”



Teresa Pereira, Elísio Sousa, Paula Reis e Filipa Ferreira, inquilinos da Fidelidade nos Anjos, em Lisboa

Depois da privatização da Fidelidade, em janeiro de 2014, milhares de inquilinos ficaram à mercê das decisões do conglomerado chinês Fosun, que passou a ser um dos maiores arrendatários do país com um património imobiliário importante, sobretudo nas cidade de Lisboa e do Porto. Com os preços a bater recordes num mercado em ebulição, a antiga seguradora da Caixa Geral de Depósitos está a avisar centenas de inquilinos da não renovação dos contratos de arrendamento ao mesmo tempo que põe imóveis à venda. Neste turbilhão que ameaça deixar milhares de pessoas com um futuro incerto, *A Voz do Operário* conversou com vários moradores de prédios da companhia nos Anjos, em Lisboa. Paula Reis, da Batalha, tem 28 anos e é *marketeer*, Filipa Ferreira é madeirense, tem 30 e trabalha em hotelaria. Há dez anos, adotaram esta zona da cidade para viver e pela primeira vez equacionam, inclusive, a possibilidade de se verem forçadas a regressar à terra de origem. Foi de forma caricata que descobriram que a Fidelidade não lhes ia renovar o aluguer. “Nós tivemos uma tentativa de assalto e o serralheiro foi lá a casa. Enquanto mudava a fechadura, disse-nos que havia de a mudar outra vez, que aquilo era tudo para vender e que tinha estado o dia todo a fazer chaves. Mas nós tínhamos recebido a carta de renovação do contrato por mais um ano dias antes e estávamos descansadas. Eis quando recebemos outra carta para cessar o contrato...”, conta Paula. Depois entraram em contato com a Fidelidade para ver se era possível outra solução, desde comprar a renegociar o contrato. Nem uma coisa, nem outra. “Não era negociável”. Já Elísio Sousa e Teresa Pereira temem que lhes aconteça o mesmo que há um ano quando o proprietário não renovou o aluguer porque queria vender o imóvel onde viviam em Santos. Ainda não receberam qualquer carta mas sabem que a Fidelidade pretende vender o prédio. Ele tem 33 anos, é psicólogo e trocou Coimbra por

Lisboa, ela é médica e veio do Porto. “Procurámos casa por duas vezes no ano passado e notámos um aumento brutal dos valores em meio ano. Pediam mais cem euros pela mesma casa que tínhamos visitado meses antes”, descreve Teresa. “Nós recebemos acima da média nacional e isso não interessa porque os preços estão absurdos. Se ficarmos sem esta casa não sabemos o que vamos fazer. O nosso trabalho está em Lisboa e até na periferia as rendas estão elevadas. Em Almada, está a subir muito e Odivelas já tem os mesmos preços que os anjos tinham há uns dois anos”, acrescenta Elísio.

Paula que trabalha em turismo defende que o tecido social da cidade está a mudar: “Um dos fatores de atração em Lisboa era a autenticidade. Os turistas podiam sentir o nosso modo de vida e agora está a perder-se tudo isso. As zonas antigas estão a ser compradas. Já não vê locais”. Defende que a cidade não está preparada para esta avalanche de turistas e que não há planeamento. Está a ser vendida ao “desbarato” e vai deixar de ser atrativa “depois de descaracterizada”. Para Teresa, há que estudar o território e planejar. “Determinar o máximo de hotéis, hostels e alojamento em cada zona, pôr tetos nas rendas. As cidades são feitas para as pessoas que nelas vivem e trabalham”. Estão todos de acordo que o governo tem de intervir imediatamente. “Tem de se acabar imediatamente com a lei da Assunção Cristas. O governo, com ou sem a autarquia, tem de fazer face a este descalabro social e tem de haver mão estatal”, defende Elísio. Paula recorda que são jovens em idade de trabalho que vão ser expulsos da cidade. Os quatro inquilinos da Fidelidade não vão ficar de braços cruzados e explicam que estando dispersos no espaço é tudo “mais difícil” mas que têm conversado para se organizarem e ver o que podem fazer. Um dos primeiros passos é conversar com os vizinhos. Porque entendem que unidos têm “mais força”.

## PLANO DE ESTABILIDADE

# Governo quer agradar Bruxelas



Mário Centeno, ministro das Finanças

Ao contrário do que havia sido acordado e aprovado com os partidos à sua esquerda na Assembleia da República, o PS decidiu rever em baixa a meta do défice de 1,1% que estava inscrita no Orçamento do Estado para este ano. Foi durante a apresentação do Programa de Estabilidade que o ministro das Finanças anunciou o recuo para 0,7%, destacando a evolução do saldo orçamental para 0,2% em 2009 e para uma situação de excedente em 2020. O executivo liderado por António Costa pretende, assim, ir também além do que estava negociado com Bruxelas sobre a redução da dívida pública, aumentando a fasquia imposta pela União Europeia. Depois de em 2017 ter registado um rácio de 125,7% que ficou abaixo da meta inicial de 127,9%, o governo prevê uma trajetória descendente nos anos seguintes que coloca a dívida em 122,2% em 2018 e 118,4% em 2019, chegando aos 102% em 2022. No anterior programa, o objectivo era de uma dívida de 124,2% em 2018 e de 120% em 2019. Para 2021, a meta traçada era de 109,4%.

O Programa de Estabilidade veio também confirmar a intenção do governo de não aumentar os salários dos trabalhadores da Função Pública no próximo ano. O documento apresentado não contempla qualquer aumento de despesa decorrente de aumentos salariais na Administração Pública. O descongelamento das carreiras da Função Pública vai representar 352,7 milhões este ano, 389,8 milhões em 2019 e 297 milhões em 2020. Mas estas são as únicas verbas destinadas à Função Pública que constam do documento.

O ano de 2009 foi o último em que houve aumentos salariais na função pública. Só em 2015, já sem a troika em Portugal, se iniciou a reversão dos cortes e só em 2018 se retomaram as progressões. Com as legislativas no horizonte, aumenta a pressão para que em 2019 seja retomada a atualização dos salários.

## PCP, BE e Verdes contra

“Trata-se de uma iniciativa que decorre da integração de Portugal no euro e que decorre também da aceitação por parte do governo português da submissão às im-

posições da União Europeia e do euro”, afirmou Vasco Cardoso. O membro da Comissão Política do PCP referiu que o documento reflete uma “concepção errada” e destacou que o Programa de Estabilidade não vincula nenhum órgão de soberania e que não pode pôr em causa as opções políticas que venham a ser assumidas na Assembleia da República para o próximo Orçamento do Estado.

Vasco Cardoso enfatizou que estas orientações “travam a resposta que é necessário dar aos problemas que o país está a atravessar”. O dirigente comunista destacou o Serviço Nacional de Saúde, os serviços públicos, a contratação de trabalhadores, o apoio à cultura, a dinamização do investimento público, a defesa e a promoção da produção nacional. “O PCP considera que face à situação do país devem ser os interesses nacionais e não os critérios em torno do défice ou da dívida pública a determinar a resposta que deve ser dada, aproveitando toda a margem existente do ponto de vista de disponibilidade orçamental para responder aos problemas que estão hoje colocados à sociedade portuguesa e não identificamos esse rumo nem essa resposta no documento o governo apresentou”, concluiu.

O BE apresentou um projeto de resolução no parlamento para que o Programa de Estabilidade mantenha o compromisso do défice de 1,1% e a folga orçamental “seja devolvida à sociedade”. Em declarações aos jornalistas no parlamento, a deputada bloquista Mariana Mortágua tinha explicado que, em relação ao documento apresentado pelo ministro das Finanças, “o que está em causa é a decisão unilateral do Governo de alterar a meta de 1,1% do défice”, que estava inscrita e foi aprovada pelos partidos no Orçamento do Estado para 2018. “É com base nesta análise que o Bloco de Esquerda apresentará um projeto de resolução na próxima semana”, anunciou então.

Já Heloísa Apolónia, dos Verdes, afirmou que as metas do défice, “imposições perfeitamente cegas da União Europeia e da zona euro, não podem limitar e condicionar o desenvolvimento do nosso país”.



saúde

## Diverticulose

Já, com certeza, ouviu alguém das suas relações dizer “tenho divertículos nos intestinos”.

Pois é, isto é uma situação muito frequente.

Então, o que são divertículos?

São pequenas dilatações em forma de saco, com o tamanho normalmente de 0,5 a 1cm de diâmetro, que se formam na parede do cólon (intestino grosso). Aumentam normalmente com a idade, tanto nas mulheres como nos homens.

A doença que causa a presença de divertículos chama-se doença diverticular.

Normalmente, esta doença é detectada acidentalmente quando se fazem outros exames, muitas vezes é assintomática. Pode aparecer, de vez em quando, uma leve dor que aparece e desaparece e pode aparecer inchaço no abdómen e muitos gases.

Então, quais as causas?

Normalmente, há uma má alimentação por detrás, há uma falta de fibras e provavelmente gorduras a mais. Há um maior esforço nas camadas musculares do cólon para movimentar as fezes que são duras e, com o passar do tempo, as paredes ficam mais fracas, podendo formar-se divertículos. A pouca actividade física tem influência na formação dos divertículos. A causa também é muitas vezes desconhecida.

Se houver uma inflamação dos divertículos pode produzir-se a chamada diverticulite, que normalmente é devido a uma acumulação de fezes duras nos divertículos. Quando isso acontece, há normalmente uma dor muito forte na parte esquerda do abdómen, havendo distensão. Podem também surgir prisão de ventre ou até diarreia, febre alta, falta de apetite, sangue nas fezes, etc.

Se não for tratada, podem surgir complicações graves, como por exemplo haver perfurações e surgir uma peritonite. Isto é uma situação de urgência.

Então, como é feito o diagnóstico?

É feito pela história clínica do doente e por exames complementares que podem ser desde radiografias, ecografias ou mesmo TAC abdominal.

Qual o tratamento?

Pode ser da forma mais simples com antibióticos ou através da cirurgia.

Deve ter cuidado com a sua alimentação, não esqueça as fibras e evite comer gorduras. Faça exercício físico, ande a pé meia hora por dia que seja, isso irá favorecer os movimentos dos intestinos.

Tome atenção aos sinais do seu corpo e recorra rapidamente ao hospital se necessário.

**Lina Seabra-Diniz,**  
Médica

25 DE ABRIL E 1.º DE MAIO

# Povo, obreiro de Abril

João Lopes

As comemorações da Revolução de Abril fizeram-se na rua, a mesma para onde o povo saiu há 44 anos, no Carmo, em Caxias ou em Peniche, para tomar nas suas mãos o seu destino. Das acções mais localizadas aos massivos desfiles de milhares, particularmente em Lisboa e no Porto, foi o carácter popular que, de novo, se destacou neste 44.º aniversário do 25 de Abril. Não por tradição, mas porque os valores de Abril a isso exigem. A comprová-lo estiveram, por exemplo, os militares e os profissionais das forças de segurança, a exigir que se cumpra o direito à carreira e que o descongelamento das progressões passe da lei para as suas vidas.

A descer a Avenida da Liberdade, em Lisboa, conviveram os que viveram a ditadura fascista e a ajudaram a derrubar, com os filhos de Abril, os que, nascidos depois da Revolução, não faltam à luta pelos seus valores.

## Homenagear os «imprescindíveis»

A data serve, também, para render tributo àqueles que, antes e depois da data libertadora, ajudaram a abrir «as portas que Abril abriu», nas palavras de José Carlos Ary dos Santos. Foi o que fez o município de Setúbal e a sua Assembleia Municipal, a Odete Santos, ex-deputada do PCP na Assembleia da República e antiga presidente daquele órgão autárquico. Do seu percurso como «mulher, militante comunista, deputada, autarca, advogada, actriz», foi destacado o contributo de Odete Santos para a despenalização da interrupção voluntária da gravidez.

## CGTP-IN exige salário mínimo nos 650 euros em 2019

No final do desfile da capital, na Alameda, o secretário-geral da Intersindical, Arménio Carlos, fixou a meta para o salário mínimo em Janeiro de 2019 nos 650 euros, um valor que dirá muito mais à vida dos trabalhadores que outras metas, discutidas em décimas do défice das contas públicas, que ocuparam grande parte do espaço mediático nos dias anteriores.

A centralidade dada aos direitos dos trabalhadores, nomeadamente à valorização salarial, por parte da CGTP-IN contrastou com as comemorações da UGT. Não só no valor do salário mínimo para 2019, cujo objectivo já tinha sido colocado pela central sindical nos 615 euros, mas particularmente pela novidade do discurso do secretário-geral, Carlos Silva, em Figueiró dos Vinhos: a isenção total de IRC para empresas que se fixem no interior durante três anos.



Milhares de pessoas celebraram Abril nas ruas de todo o país

## Prelúdio de Maio

As reivindicações por trás das muitas lutas que se travam no quadro actual marcaram presença, pelo direito à Educação, à Saúde, à Habitação, à Cultura; tantos e todos eles conquistados pelo tal povo que saiu à rua a 25 de Abril de 1974, transformando o levantamento militar no mais importante processo da História contemporânea do país.

Também os trabalhadores não faltaram, como há 44 anos. Ainda os militares não tinham saído dos quartéis e mais de 200 mil trabalhadores, desde 1973, lutavam nas suas empresas pelo direito a férias pagas, ao descanso semanal, pelo aumento dos salários e a redução do horário.

O direito do nosso povo a decidir soberanamente os seus destinos foi conquistado com Abril, um elemento de enorme actualidade em 2018, quando o confronto e a contradição entre as necessidades do país e as vontades que chegam de longe se vão evidenciando, como, a 24, na Assembleia da República, a propósito da discussão dos compromissos que o Governo pretende assumir com Bruxelas.

## 1.º de Maio: das empresas para a rua

As comemorações do Dia Internacional do Trabalhador promovidas pela CGTP-IN também encheram as ruas de dezenas de localidades. O 1.º de Maio de 2018 teve a luta pelo aumento dos salários como reivindicação forte, dando visibilidade a muitas lutas, em empresas dos sectores públicos e privados, que, em muitos casos, conseguiram impor o que o governo escolheu não fazer e garantir os 600 euros que a Intersindical reivindicava como salário mínimo nacional para Janeiro deste ano.

Na Avenida Almirante Reis, em Lisboa, na Avenida dos Aliados, no Porto, ou em qualquer uma das acções que decorreram em todos os distritos e nas regiões autónomas, ouviram-se palavras de ordem de muitos dos que têm protagonizado lutas recentes, como os trabalhadores do Lidl, da EMEF, dos refeitórios dos Hospitais Universitários de Coimbra, da Sacopor, do IPMA, da Casa da Moeda, da Águas de Portugal, da Sonae, da Infraestruturas de Portugal, do Pingo Doce.



CGTP-IN marca novas jornadas de luta

## Fazer de Maio «um mês de luta intensa»

«Temos de intensificar a acção e a luta em todos os locais de trabalho e fazer de Maio um mês de luta intensa», afirmou Arménio Carlos, antes de anunciar a convocação de uma «grande manifestação nacional», para 9 de Junho, do Marquês de Pombal para os Restauradores, em Lisboa. A CGTP-IN quer fazer da Avenida da Liberdade o lugar para onde vão convergir «as reivindicações dos trabalhadores e do povo, exigindo a ruptura com a política de direita e a implementação de uma política de esquerda e soberana, que abra as portas a melhores condições de vida e de trabalho, que valorize o trabalho e os trabalhadores, a um Portugal com futuro».

## BRASIL



Multiplicaram-se os actos em defesa de Lula por todo o Brasil

## Pela democracia no Brasil: Lula livre!

Maurício Miguel

O golpe institucional no Brasil continua em desenvolvimento, com um rol de gritantes arbitrariedades do poder político e judicial com o apoio e a promoção dos grandes grupos de comunicação social - um golpe colocado entre parênteses pela maioria da comunicação social portuguesa. O golpe foi o afastamento de Dilma Rousseff (sem qualquer condenação) mas é também a prisão de Lula da Silva (condenado à pressa e sem provas), o candidato que une a esquerda ao povo brasileiro diante das eleições de Outubro, e a perseguição e tentativa de criminalização de forças políticas e sociais de esquerda neste país. Procurando impedir a eleição do candidato do povo, Temer e companhia mostram como querem impedir a todo o custo a retoma do caminho de afirmação soberana do povo e do país na região e no mundo, e de conquista de direitos fundamentais iniciada pelos governos de Lula da Silva e Dilma Rousseff.

Por outro lado, a crescente violência, repressão, ódio e racismo são armas do golpe para intimidar e condicionar a vida do povo brasileiro, travando ou impedindo a sua também crescente resistência. Recordemos o assassinato da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, e do seu motorista, exemplos de que a militarização do Rio de Janeiro e de outros estados do Brasil é parte de um sistema

repressivo, racista e de impunidade que ataca sobretudo os jovens pobres e negros. Recordemos as declarações de altas patentes militares que, no contexto e no tempo, permanecem como ameaça latente de golpe militar - se o actual golpe não for por diante. Recordemos o caso da caravana de campanha eleitoral onde seguia Lula da Silva, atacada gratuitamente por sectores fascistas, incluindo com tiros - os mesmos sectores que impulsionam a candidatura de Jair Bolsonaro.

Um golpe que liga os interesses das componentes mais poderosas da oligarquia brasileira à agenda revanchista dos EUA, numa desesperada tentativa de recuperar o domínio perdido nas últimas décadas na América Latina - para fazer frente à afirmação da China como maior parceiro económico do Brasil e da região. Um golpe contra os florescentes processos de integração na América Latina, sem a tutela dos EUA ou da União Europeia (UE), para diferir a sua direcção ou destruí-los, como no caso da UNASUL (de onde anunciaram a saída: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Perú e Paraguai) ou do Mercosul - bloco que suspendeu os direitos políticos da Venezuela e que acelera as negociações de um acordo dito de livre comércio com a UE.

Um golpe de objectivos económicos e sociais reaccionários. O golpe foi buscar à prateleira projectos que as grandes empresas e o sector financeiro tinham há muito preparado. Desencadeou um brutal

ataque aos direitos e rendimentos dos trabalhadores, alterando a legislação do trabalho e procurando fragilizar e manietar o movimento sindical - num país que tinha em 2017 mais de 13% de desempregados e onde cerca de 35 milhões de trabalhadores não têm qualquer vínculo laboral e protecção social. Foram congelados o financiamento dos serviços públicos e o investimento para os próximos 20 anos. Está anunciada ou já em curso a privatização das empresas públicas de petróleo, gás e electricidade (Petrobras e Electrobras), os correios, a Embraer (construção de aviões), o Pré-sal (descoberta de uma das maiores reservas de petróleo e gás do mundo).

O golpe teve até agora um revés maior. Temer e o seu governo não conseguiram impor a reforma da previdência (regras da segurança social), com a privatização das suas partes mais rentáveis, o ataque ao direito à reforma e aos rendimentos dos reformados e pensionistas que esta previa.

É por tudo o que acima é dito e pelo muito que fica por dizer que a prisão de Lula da Silva é um rude golpe nos direitos e na soberania do povo brasileiro.

A sua libertação e candidatura à presidência do Brasil é uma aspiração do seu povo, da América Latina e, não será exagero dizê-lo, do mundo. Aos democratas, impõe-se o empenho na solidariedade e no apoio à luta determinada do povo brasileiro pela libertação de Lula da Silva, ou seja em defesa da democracia no Brasil.

## ELEIÇÕES

## Venezuelanos escolhem presidente

São quase 20 milhões os eleitores venezuelanos que estão convocados para votar nas eleições presidenciais que se realizam no próximo dia 20 em todo o país. Para além do actual presidente da Venezuela, estão na corrida eleitoral Henri Falcón, Javier Bertucci e Reinaldo Quijada, numa disputa que esteve inicialmente marcada para 22 de abril mas que foi atrasada pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE) para coincidir com a eleição dos Conselhos Municipais e dos Conselhos Legislativos Estatais. Num processo eleitoral marcado por uma profunda crise económica que é consequência, segundo o governo, da baixa acentuada dos preços do petróleo e de uma guerra económica liderada pelos Estados Unidos, Nicolás Maduro anunciou este primeiro de maio o aumento do salário mínimo em 90%. Trata-se do terceiro reajuste do ano nos rendimentos de quem trabalha que inclui um bónus aos funcionários públicos por ocasião do Dia Internacional do Trabalhador. Apesar da crise económica e das sanções decretadas pelos Estados Unidos e União Europeia, os partidos que suportam o governo obtiveram uma importante vitória nas eleições regionais realizadas em outubro do ano passado com a conquista de 18 Estados contra os cinco da oposição. Se os eleitores venezuelanos escolherem novamente Nicolás Maduro, o actual chefe de Estado estará à frente do país no 20.º aniversário do plebiscito que deu a presidência em 1998 a Hugo Chávez, histórico líder da revolução bolivariana.



20 milhões de venezuelanos estão convocados para ir às urnas

## MUSEU NACIONAL DA RESISTÊNCIA E DA LIBERDADE

# A resistência venceu. Fortaleza de Peniche é Museu Nacional

O futuro Museu Nacional da Resistência e da Liberdade, instalado no antigo Forte de Peniche, ganhou mais uma “pedra” estruturante. A 27 de Abril, dia em que se assinalaram 44 anos da libertação dos seus presos políticos, foi entregue o guião de conteúdos ao ministro da cultura, Luís Filipe Castro Mendes. Esta cerimónia de entrega decorreu passado um ano do conselho de ministros de onde saiu a decisão de criar o museu, que será o décimo-quinto museu nacional, tutelado pela Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC)

Domingos Abrantes e José Pedro Soares foram alguns dos ex-presos de Peniche que marcaram presença na cerimónia e integram ainda a Comissão de Instalação dos Conteúdos e da Apresentação Museológica (CICAM), juntamente com a diretora-geral do Património Cultural, Paula Silva, também presidente da CICAM, o presidente da Câmara de Peniche, Henrique Bertino, o chefe de gabinete do Ministro da Cultura, Jorge Leonardo, de Adelaide Pereira Alves e Manuela Bernardino, do PCP, João Bonifácio Serra, historiador, Fernando Rosas historiador e ex-presos e Raimundo Narciso, do movimento «Não Apaguem a Memória».

O Parlatório (zona onde os presos recebiam as famílias) é o primeiro núcleo descrito pelo guião, que pretende “salientar as condições em que decorriam as visitas no plano humano, auditivo, de vigilância e repressivo”. O futuro museu prevê também incluir testemunhos de crianças, hoje adultos, que estiverem presentes em situações de conflito nestes locais.

Foi a 27 de Abril de 2017 que o Conselho de Ministros aprovou a elaboração de um plano de recuperação da Fortaleza de Peniche para instalação de um museu nacional dedicado à luta pela liberdade e pela democracia, na sequência de uma forte contestação aos planos que então se preparavam de conversão da fortaleza em unidade hoteleira privada. Uma intenção que mereceu desde



Forte de Peniche, onde está a ser instalado o museu

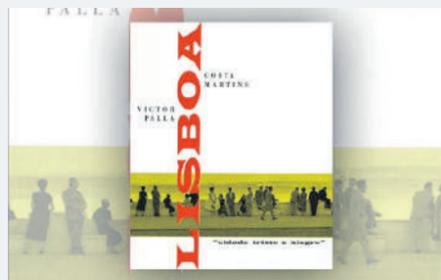
logo uma forte resistência, com destaque para um abaixo-assinado organizado pela União de Resistentes Antifascistas (URAP) entregue na Assembleia da República e que reuniu milhares de assinaturas. No documento podia ler-se que “Os abaixo assinados democratas antifascistas, surpreendidos com as recentes notícias sobre a concessão do Forte de Peniche, empenhados na defesa da necessária preservação da memória e resistência ao fascismo e pelo respeito de milhares de portugueses que deram o melhor das suas vidas para que o povo português pudesse viver em liberdade, apelam ao Governo para que o Forte de Peniche permaneça património nacional, símbolo da

repressão fascista e da luta pela liberdade”.

«Preservar a memória da resistência é fazer compreender que esta liberdade que temos foi uma liberdade conquistada e que impôs sacrifícios a dezenas de milhares de portugueses. Peniche não é uma cadeia qualquer é o maior símbolo do sistema prisional fascista e o facto de se manter já é uma grande conquista, é um património que vale por si», realçou Domingos Abrantes, ex-presos político em Peniche e actual membro do Conselho de Estado, na cerimónia, onde o ministro da cultura se comprometeu a inaugurar parte no núcleo museológico precisamente a 27 de Abril de 2019.

## Sugestões culturais:

**Lisboa cidade triste e alegre**, Exposição  
12 abr a 16 set



A exposição traz um olhar aprofundado sobre o mais importante livro de fotografia do século XX em Portugal. A obra, da autoria dos arquitetos Victor Palla e Costa Martins, foi editada em 1959 e resultou de um olhar fotográfico sobre a cidade ao longo de 3 anos.

**A Foz em Delta**, Manuel Gusmão,  
Edições Avante!



“A poesia pode ser uma forma de resistência. Dizer que a poesia resiste é afirmar que ela é uma específica resistência à sua completa apropriação pela mente ou pelo espírito. É pensar a materialidade do seu fazer (poiesis e poiema), retirando-a do campo de acção de qualquer política do espírito.” É a “tese” que radica no novo livro de poesia de Manuel Gusmão, *A Foz em Delta*, que junta igualmente textos de reflexão.

**Sementes** Mostra Internacional de Artes para o Pequeno Público



Organizado pelo *Teatro Extremo*, o festival decorre ao longo do mês de Maio e tem como auge a comemoração do Dia Mundial da Criança.

A área artística privilegiada é o teatro, mas há também espetáculos de música, circo, dança, marionetas e artes de rua, de companhias nacionais e estrangeiras. Consulte a programação completa em [www.teatroextremo.com](http://www.teatroextremo.com)

**Reabertura do Jardim botânico de Lisboa**



Está novamente aberto o jardim da Rua da Escola Politécnica. Projetado em meados do século XIX para complementar o ensino e investigação botânica na Escola Politécnica. Com destaque para a grande diversidade de palmeiras oriundas de todos os continentes e espécies raras como as cicadáceas. O jardim desenvolve programas de educação ambiental e oferece visitas temáticas guiadas. Aberto das 9h00 às 20h00.

## CULTURA



Manifestantes concentrados na Praça do Rossio, em Lisboa

## Cultura acima de zero

Em protesto contra décadas de sub-financiamento do setor artístico, milhares de trabalhadores da Cultura juntaram-se em Lisboa, Porto, Coimbra, Beja, Ponta Delgada e Funchal numa ação de protesto descentralizada que correspondeu ao apelo do CENA-STE, da Rede-Associação de Estruturas para a Dança Contemporânea, da Plateia-Profissionais Artes Cénicas, do Manifesto em Defesa da Cultura e de muitas outras estruturas e associações. A apresentação dos resultados provisórios do concurso ao Programa de Apoio Sustentado às Artes 2018-2021 provocou a indignação geral do setor e desatou um coro de críticas do meio artístico, das autarquias e da generalidade das bancadas parlamentares. De acordo com o divulgado, das 241 candidaturas admitidas apenas 140 obteriam financiamento, em muitos casos, em valor inferior ao alocado em anos anteriores. Fora deste quadro de apoio ficariam cem companhias, muitas delas com um vasto património, seja na produção de espetáculos seja na organização de festivais, entre as quais, o Teatro Experimental de Cascais, o Teatro Experimental do Porto, as únicas estruturas profissionais de Évora e Coimbra, o Teatro Animação Setúbal, além de projetos como a Orquestra de Câmara

Portuguesa, a Bial de Cerveira e o Chapitô. Nem a intervenção pessoal do primeiro-ministro, que aumentou na mesma semana as verbas a distribuir e se comprometeu a não deixar de fora nenhuma companhia com um histórico relevante e a dialogar com os profissionais do setor para modificar o modelo de atribuição de apoios, desmobilizou os trabalhadores das Artes. Em Lisboa, os manifestantes encheram metade da Praça do Rossio com panos, faixas e cartazes, numa iniciativa que deu voz às reivindicações deste setor. Entre as exigências, destaca-se a definição de uma política cultural, a criação de um novo modelo de apoio às artes e respetivos instrumentos de financiamento. Os trabalhadores reivindicam também o aumento imediato do orçamento em 25 milhões de euros, o combate à precariedade na atividade artística e estabilidade do setor. À cabeça, está o compromisso com o patamar mínimo de 1% do Orçamento do Estado para a Cultura, já em 2019. Nesta concentração, estiveram presentes as forças políticas que têm apoiado as lutas destes profissionais. Os Verdes fizeram-se representar por He-loísa Apolónia, o PCP por Jerónimo de Sousa, Jorge Pires e Ana Mesquita e o BE por Mariana Mortágua.

## A Voz do Operário há 100 anos

### Idéas e factos

Mas como tudo quanto é modificável se modifica, seja pela acção da Natureza, seja já pelos próprios esforços individuais, o homem, em consequência de mudanças progressivas do seu desenvolvimento cerebral, veio modificando-se também, a ponto que, conhecendo a sua situação na terra, se fez dono e senhor d'ella.

Dado este princípio científico, vemos que na sua origem o solo não pertencia a ninguém, nem houve sequer nenhum ser superior que o tivesse legado ou produzido.

D'aquí se prova que a propriedade não tem na sua essência origem no direito, sendo, portanto, ao achar-se acumulada por uma classe de homens, que lhe chama sua, roubada a todos os demais, que por igual a deviam possuir.

Como succedeu isto? A explicação é fácil.

Os homens eram nos tempos primitivos simples e generosos. Mas não faltavam já entre elles, como ainda agora succede, seres astutos e ambiciosos.

Esses homens maus julgaram dever apropriar-se, pela força ou pela manha, do que a todos pertencia.

Apparecem então as instituições que se arrogam origem superior e divina, sancionando a fraude.

Assim começa a propriedade individual.

Depois, dividida a sociedade em possuidores e não possuidores, os homens subordinaram-se uns aos outros e a escravidão surge, sob diversos aspectos, continuando a perpetuar-se até nossos dias, em que reveste a fôrma de salariado.

O homem é victima do homem.

O estado de degradação do proletariado actual, a sua incultura, a miséria que o espicaça, o mal que se alimenta, a enfermidade que prosta por falta de hygiene e de condições de conforto, tudo são consequencias d'esse primeiro passo, a expoliação de uns homens em beneficio de outros seus semelhantes.

Essa expoliação, que a herança transmite, é o peccado original da nossa especie.

Deve-se permitir que tal estado de coisas continue?

Quer-nos parecer que não.

À classe opprimida cumpre readquirir quanto aos seus antepassados foi arrancado.

Sem que isso se consiga, nunca o povo será liberto, nem a humanidade se dignificará.

5 de maio de 1918



DECLARAÇÃO DE IRS 2017

### AJUDAR ASSIM NÃO CUSTA A VOZ DO OPERÁRIO

Está a decorrer a entrega do IRS 2017.

Através da **declaração de IRS**, os amigos d'A Voz podem consignar a favor desta 0,5% do valor que pagaram.

Para o fazer, basta preencher o **campo 11 da sua declaração**, assinalando a opção "Instituições Particulares de Solidariedade Social ou Pessoas Coletivas de Utilidade Pública" e colocando na **linha 901** o NIF d'A Voz do Operário **500 259 518**.

Este apoio **não tem qualquer custo**, uma vez que a percentagem em causa diz respeito ao imposto já liquidado e que ficaria em poder do Estado.

Quem optar pela entrega automática do IRS também pode fazer esta consignação, preenchendo o campo "consignação" com as opções e dados já mencionados.

Quem não paga IRS também pode ajudar divulgando esta forma de apoiar A Voz junto de familiares e amigos.

**A todos, muito obrigado!**